

Iniciativa Pioneira no Tocantins¹

Instituto Ecológica cria selo de carbono social para incentivar pequenas comunidades rurais a preservarem o meio ambiente

Pretendo, nesta palestra, explicar os objetivos, a metodologia e os principais meios empregados pelo Instituto Ecológica, uma organização não-governamental, situada no estado do Tocantins, para a atribuição e dinamização do selo do carbono social. Essa ONG atua desde 1998, junto a pequenas comunidades, promovendo a conscientização social sobre as mudanças climáticas paralelamente ao projeto de seqüestro de carbono, sediado na Ilha do Bananal.

A principal missão do Instituto Ecológica é trabalhar pela diminuição do efeito das mudanças climáticas, através de pesquisa científica, desenvolvimento sustentável, geração de renda, educação ambiental etc. Dentre nossas principais atividades, incluem-se ciclos de carbono e biodiversidade, programas de capacitação, ecoturismo bem como o manejo de gestão ambiental.

O projeto Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), que estamos desenvolvendo, nasceu em parceria com o SEBRAE e o Sindicato dos Ceramistas (SINDICER), situado na região central do Tocantins. O intuito era trabalhar

¹ Texto escrito a partir de palestra proferida por Eliana Pareja (coordenadora técnica do Instituto Ecológica, situado no estado de do Tocantins) no Simpósio Mudanças Climáticas Globais e Responsabilidade Social.

gestão ambiental com os ceramistas. Diante disso, nosso primeiro passo foi diagnosticar quais eram os recursos naturais utilizados na produção da cerâmica, como era a gestão desses recursos e qual era a relação que o funcionário estabelecia com os recursos naturais.

Casca de arroz substitui lenha

O primeiro resultado desse estudo foi a sugestão aos ceramistas para que substituíssem o material utilizado para a queima das peças – até então feita com lenha, retirada do cerrado – por casca de arroz. Uma única empresa chegava a queimar até 900 hectares de cerrado, por ano, originando consequências danosas, tais como desmatamento e poluição, provocada pelo metano, que é mais indutor do efeito-estufa do que o CO₂. Esse projeto despertou o interesse de outras instituições e, atualmente, já está em processo de validação da comercialização dos créditos de carbono, o que explicarei em detalhes mais adiante.

Também temos investido na capacitação de comunidades e assentamentos rurais. Além do trabalho feito junto às escolas e universidades, centramos atenção em pequenas comunidades, como fizemos com aquelas afetadas por barragens e hidrelétricas em um programa intitulado TEEP (Tocantins, Energia, Educação, Participação). Também observamos que, quando a comunidade conhece o potencial do local onde vive, no nosso caso, o cerrado, ela pode contribuir para a preservação do meio ambiente.

Junto com o Processo Nacional de Agricultura Familiar (PRONAF) e com a Secretaria de Agricultura do Es-



Doces produzidos por comunidades assistidas pelo Instituto Ecológica

Uma outra estratégia de sensibilização que temos utilizado é levar as empresas que trabalham conosco para conhecer outras que já contabilizam os resultados obtidos pela conscientização ambiental.

tado do Tocantins, temos promovido outros tipos de capacitações, por meio de uma metodologia que consiste em: conhecer a comunidade, levantar o seu potencial agrícola e, em seguida, traçar um esboço das informações de que ela mais necessita. Em seguida, tem início as capacitações propriamente ditas, por meio de formação de instrutores, seguindo-se a mobilização da comunidade para que participe dos cursos. Concluimos que é mais fácil trabalhar com o pequeno do que com o grande produtor.

Uma outra estratégia de sensibilização que temos utilizado é levar as empresas que trabalham conosco para conhecer outras que já contabilizam os resultados obtidos pela conscientização ambiental. Levamos empresas que trabalham com extrativismo, com produção de mel, com a produção de biojóias, dentre outras, para conhecer aquelas bem sucedidas, o que tem surtido um efeito satisfatório. Paralelamente, ainda fazemos um trabalho social de inclusão digital, permitindo às populações dessas comunidades o acesso à internet. Fazemos isso, principalmente, junto aos assentamentos rurais, nos quais mais de 70 por cento da população é analfabeta ou semi-analfabeta, desconhecendo, portanto, o potencial de sua região. Observem que a conscientização ambiental anda junto com a inclusão social. Eu não separo uma vertente da outra.

Horta mandala e bioálcool oriundo da batata doce

No município de Pium inauguramos outro projeto, chamado de Horta Mandala, que funciona a base de energia solar, uma fonte totalmente renovável. Nessa área também ensinamos às comunidades outras formas de extração do óleo vegetal, advindo de espécies nativas do cerrado. Ensinamos a eles que, ao invés de queimarem as palmeiras e o pasto, eles podem utilizar a prensa. Dessa forma, o produto

Jóias produzidas
com sementes
típicas do estado
do Tocantins



obtido pode ser certificado pelo selo carbono. Nessa mesma comunidade, estamos capacitando os produtores de mel a trabalharem respeitando as normas ambientais.

O resultado é que a comunidade já se preocupa em melhorar a área da reserva (esses projetos situam-se dentro de uma Área de Proteção Ambiental, APA) e em recuperar as partes degradadas, com espécies de floradas recentes atraentes, para que possam atrair mais abelhas para a produção do mel. Este é um retorno muito bom dentre os vários que já obtivemos.

No que se refere aos projetos de fontes renováveis, destaca-se a produção do bioálcool, obtido por meio da batata doce, desenvolvido por Márcio da Silveira, professor da Universidade Federal do Tocantins, em parceria com a Eletronorte e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e destinado, exclusivamente, aos pequenos produtores. A grande vantagem desse tipo de bioálcool é sua alta produtividade. Não é necessário desmatar uma grande área e pode-se utilizar a produção de batatas doce em consórcio com espécies florestais nativas do cerrado.

Selo do carbono social

Aos poucos, o Instituto Ecológica percebeu que precisava, de alguma maneira, demonstrar para as comunidades com as quais trabalha que aquilo que ela produz de forma correta

*A grande vantagem
desse tipo de
bioálcool é sua
alta produtividade.
Não é necessário
desmatar uma
grande área e
pode-se utilizar
a produção de
batatas doce em
consórcio com
espécies florestais
nativas do cerrado.*

beneficia o clima. Precisávamos valorizar o diferencial de uma comunidade que conhece o cerrado e que sabe preservá-lo, contribuindo positivamente para a mudança climática. Assim criamos o selo do carbono social.

Em que consiste propriamente o selo do carbono social? Trata-se do carbono absorvido/reduzido por meio de ações que viabilizem melhoras da condição de vida da comunidade, de forma que ela não degrade os recursos de sustentabilidade. Em nossa opinião, a comunidade precisa melho-

rar suas condições de vida, mas, por outro lado, ela não pode degradar os recursos da sustentabilidade. Todavia, é preciso salientar que colocar isso em prática não é fácil, mesmo considerando que os resultados, habitualmente, são extremamente compensatórios.

Os principais objetivos do carbono social são agregar valores econômico e ambiental à produção de bens e, concomitantemente, valorizar as pequenas comunidades adeptas de iniciativas que preservam o *habitat* natural. Por exemplo, aposto que ninguém nunca ouviu falar antes de um assentamento chamado Barranco do Mundo. Trata-se de um assentamento com mais de 70 famílias, cujos membros usam produtos advindos do Cerrado. Tudo o que produzem é comercializado no próprio município. Se as 70 famílias começarem a trabalhar de forma sustentável, valorizando o cerrado e produzindo dentro da metodologia do carbono social, agrega-se valor ao produto, além de gerar recursos para a comunidade.

Criar e fomentar esse ciclo é algo feito por etapas. Primeiro, trabalha-se nas escolas e nos assentamentos, fazendo questionamentos tais como: vocês têm áreas degradadas? Recuperam-nas? Têm sistemas agroflorestais? Têm manejo ecológico de matrizes e sementes? Produzem doces? Coletam sementes?. Posteriormente, passamos a ensinar a comunidade, que contará com a ajuda de um técnico ou de um estagiário do Instituto. A comunidade participa e entende todo o processo, o que, a meu ver, é o que mais tem contribuído para o êxito do Instituto Ecológica.

Somos precursores na implantação da metodologia do selo de carbono social, dessa forma, nós criamos uma marca, um selo azul, que é colocado

nos produtos feitos pela comunidade que trabalham com o Instituto. Atualmente, várias empresas já comercializam o produto em feiras e em outros eventos. Como resultado, surgiu o convite para que fôssemos os certificadores oficiais do Carbono Social. Até o final do ano, creio, já estaremos fornecendo o selo a outras comunidades que estão trabalhando sob os moldes da filosofia ambiental. Gostaria de salientar que é um processo rigoroso de seleção.

Metodologia de aplicação do selo de carbono social

A metodologia de aplicação consiste nas seguintes etapas: avaliação dos recursos natural, social, humano, financeiro, carbono e de biodiversidade. Junto à comunidade fazemos um diagnóstico sobre o antes e o agora, ou seja, como era a área quando mudaram para o local? Como está atualmente? O que tinha e o que não tem mais? Além dos adultos, as crianças também participam dessa reflexão conjunta, já que têm grande facilidade para descrever as espécies.

Feita essa avaliação, classificamos o local em uma tabela, composta de seis níveis ou indicadores, que vão de um a seis. O nível um é o mais baixo e o seis é o máximo, pois expressa a idéia de que a comunidade está utilizando de forma correta todos os recursos disponíveis. Os indicadores variam de acordo com as características dos produtos. Cito como exemplo o de biojóias, que inclui avaliações sobre a produção de mudas e a recuperação do cerrado. Incluímos o recurso de produção porque consideramos importante saber quanto se coleta e quanto se gasta com sementes, quanto é desperdiçado e quanto é doado para a produção de mudas. Dessa forma, avaliamos não apenas questões relativas ao social e ao financeiro. Ainda no quesito que chamamos de produção, é

importante observar que ele permite avaliar a conservação da semente e o tipo de equipamento utilizado para a coleta.

A meta, sempre, é alcançar, no mínimo, o nível quatro. Caso a avaliação indique que nenhum dos itens foi considerado adequado, decidimos que a comunidade ainda precisa de mais instruções e que não deve receber o certificado. Reiniciamos o trabalho de conscientização, considerando todos

Nós não temos definições de políticas públicas adequadas para novos assentamentos, principalmente no que concerne à questão ambiental. Por isso, nosso lema é sempre levar conhecimento para as comunidades aprenderem a valorizar o meio ambiente.

aqueles aspectos sobre os quais falei anteriormente.

Adesão de novas famílias

Atualmente, o Instituto Ecológica trabalha com 113 famílias, mas seu projeto para o futuro próximo é aumentar esse número, visto que muitas empresas e instituições do estado do Tocantins têm se interessado em conhecer a metodologia adotada pela ONG, na tentativa de aplicá-la nas comunidades com as quais trabalham.

Para finalizar, gostaria de salientar as contribuições advindas do Projeto do Selo do Carbono Social relativas às questões climáticas. Antes de mais nada, o produto atinge preço justo, por meio da agregação de valor. Ademais, contribui para a conscientização das comunidades, o que beneficia o clima. A população, em geral, por sua vez, sente-se atraída pelo projeto. Prefeituras compram produtos dos assentamentos rurais para a utilização na confecção da merenda escolar, empresas adquirem os produtos para darem como brindes aos clientes, no final do ano.

Por outro lado, tais projetos podem ser uma boa solução para a implementação dos assentamentos rurais. No estado do Tocantins – e tenho certeza que em outros estados ocorre o mesmo – nós não temos definições de políticas públicas adequadas para novos assentamentos, principalmente no que concerne à questão ambiental. Por isso, nosso lema é sempre levar conhecimento para as comunidades aprenderem a valorizar o meio ambiente. Recentemente, estive em um assentamento bastante organizado, com um cerrado espetacular, entretanto, a comunidade reclamava que o córrego seca todo ano. Foi preciso explicar-lhes sobre a importância da mata ciliar, da preservação das espécies nativas, que traz melhoria para a qualidade de vida. Não basta chegar e simplesmente dizer: “não faça mais roça de toco!”, “não desmate a beira do rio!”, pois vai entrar por um ouvido e sair pelo outro. Entretanto, se falamos que isso ajudará a diminuir as mudanças climáticas, eles reconhecem a importância, pois já ouviram falar sobre o assunto na televisão descobrindo que também podem ajudar.

De uma forma geral, esse é o trabalho desenvolvido pelo Instituto Ecológica, possivelmente, o único que vem trabalhando a metodologia do carbono social junto às pequenas comunidades rurais.